

## TRANSGRESSÃO DA LINGUAGEM NA OBRA *A ÚLTIMA TRAGÉDIA DE ABDULAI SILÁ*

Nágila Kelli Prado Sana (G-UEMS)  
Ana Paula Macedo Cartapatti Kaimoti (UEMS)

### RESUMO

Este trabalho analisa a obra *A última tragédia* (1995), do escritor guineense Abdulai Silá, destacando o modo peculiar como, no romance, apresentam-se os usos da língua do colonizador e dos nativos. Nesse sentido, a partir da presença híbrida da linguagem na obra, a narrativa estabelece um diálogo com os problemas identitários que fazem parte da situação de Guiné Bissau como ex-colônia portuguesa que apenas recentemente conquistou sua independência política. Considerando que “a língua num país colonizado transcende a função comunicativa do discurso e adquire um significado profundamente cultural” (BONNICI, 2005, p. 33), partimos da hipótese que a presença estética da língua crioula guineense ao longo do desenvolvimento da narrativa aponta para uma postura anticolonialista que procura rever, no lugar da ficção, a trajetória de um país que enfrenta ainda resíduos pós-coloniais.

**Palavras-chave:** *Literatura guineense; pós-colonialismo; resistência.*

### ABSTRACT

This paper analyzes the Guinean Abdulai Silá's novel, *A última tragédia* (1995). Our aim is to highlight the particular uses of the colonizer's language and native's languages along the narrative. Firstly, these uses present a hybrid language which establishes a dialogue with the identity problems that are part of the Guinea Bissau state as a former Portuguese colony that has only recently gained their political independence. Considering that “language in colonized country transcends the communicative function of speech and takes a deep cultural meaning” (BONNICI, 2005, p. 33), our research presupposes that the esthetic use of Guinea Creole's language during the narrative points to an anti-colonial stance that seeks to fictionalize and to review the development of a country that still faces postcolonial residues.

**Keywords:** *Guinean Literature; post-colonialism; resistance.*

## 1. INTRODUÇÃO

Guiné-Bissau é um país localizado na África Ocidental que, durante três séculos, constituiu a colônia da Guiné Portuguesa e apenas em 1974 teve sua independência reconhecida. Inúmeros conflitos e guerras civis fizeram parte da sua história durante todos esses anos, criando uma constante instabilidade política. Embora um país com pequena extensão territorial, segundo o INEC (Instituto Nacional de Estatísticas e Censos) essa extensão é de aproximadamente 36.125 km<sup>2</sup>, apresenta grande diversidade cultural e linguística. Dessa maneira, sua população de 1.181.641 habitantes (INEC, 2002) divide-se em cerca de “20 etnias e 22 línguas” (GRIMES, 1988, p.240).

Mesmo que não reconhecida, a língua mais falada no país é o crioulo, que mistura a língua portuguesa do ex-colonizador às diversas línguas faladas pelo povo guineense. Sendo assim, Intumbo (2004, p.5) considera que o crioulo indica “... o surgimento de uma língua híbrida, com características formais de ambas as línguas em contato, sendo geralmente a língua do dominador a

fonte da maioria do léxico e as línguas de substrato, fonte de algumas estruturas e interferências fonético-fonológicas”.

Esse hibridismo faz-se presente na linguagem do romance de Abdulai Silá, *A última tragédia*, objeto de estudo da primeira etapa da pesquisa descrita neste artigo. Silá é considerado o autor do primeiro romance guineense, *Eterna Paixão* (1994) e, na sequência, publicou as obras *A última tragédia* (1995) e *Mistida* (1997). Foi co-fundador do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Guineense e co-fundador da primeira editora privada, a Ku Si Mon Editora, além de participar da fundação da revista cultural *Tcholona*. Silá também participou ativamente dos movimentos de organização do país após a independência, inclusive como chefe de uma das brigadas de alfabetização desse período, sob a orientação do educador brasileiro Paulo Freire.

De forma geral, a obra de Silá apresenta uma reflexão sobre a situação anterior do país como colônia e faz uma revisão da trajetória construída pela nação após a independência, algo que se vincula, no caso do romance estudado, com a presença híbrida das línguas faladas em Guiné-Bissau. Por essa razão, o texto do autor aponta para um projeto estético comprometido com uma visão política que pode ser vislumbrado no depoimento a seguir: “É minha convicção que a literatura pode, sem ser doutrinária nem tão pouco estereotipada, contribuir para a mudança cultural que se impõe, sem a qual continuaremos por muito tempo fazendo tanto mal a nós mesmos” (SILÁ, 2010, p. 6).

## 2. A LÍNGUA HÍBRIDA E O RESÍDUO PÓS-COLONIAL

A língua crioula é uma mescla da língua portuguesa do dominante “superstrato” e da língua do dominado “substrato”. Esse contato entre as línguas é responsável pelo termo usado pelo filólogo português Leite Vasconcellos para definir crioulo como aquilo que foi “criado”, no particípio passado do verbo criar. Além disso, esse termo também foi aplicado para se referir aos espanhóis africanos que nasceram nas colônias. Partindo disso, é possível considerar que o crioulo faz parte de um processo de hibridização no qual duas culturas diferentes unem-se e “criam” o novo.

No âmbito dos estudos pós-coloniais, considera-se que os conflitos entre colonizador e colonizado acontecem também na linguagem. Assim, esse processo de hibridização indica que a formação do dialeto crioulo demonstra uma resistência à aceitação da língua e da cultura impostas pelo colonizador e expõe uma subversão dessa última por meio da mistura das línguas e das culturas dos dominados à língua portuguesa.

Dessa maneira, segundo Bonnici, “A língua num país colonizado transcende a função comunicativa do discurso e adquire um significado profundamente cultural” (2005, p. 33). A interação entre a cultura imperial e a nativa, no entanto, deixa suas marcas mesmo quando a ex-

colônia alcança sua independência política. Essas marcas são conhecidas, na área de estudos citada acima, como “resíduos pós-coloniais” (BONNICI, 2005, p. 49).

Além disso, os conceitos de ab-rogação, apropriação e lacuna metonímica, que fazem parte do arcabouço teórico do pós-colonialismo, esclarecem de forma muito produtiva o papel do hibridismo linguístico na obra de Sila, expondo o quanto a presença dos vocábulos crioulos, sem tradução para o português, em meio à narrativa em língua portuguesa, demonstra uma apropriação autônoma da linguagem do dominador. No contexto do romance, essa apropriação adquire um aspecto transgressor, isto é, como pedras no meio do caminho, os termos crioulos introduzem, na língua portuguesa hegemônica, suas próprias marcas, abrindo espaço para a divulgação do discurso do subalterno, o colonizado, ao expor as lacunas entre a língua do colonizador e a do colonizado (BONNICI, 2005).

### 3. A ÚLTIMA TRAGÉDIA

A narrativa de *A última tragédia* desenvolve-se no período colonial, quando o país ainda estava sob o domínio português. A personagem principal da obra é Ndani, cuja trajetória também representa alegoricamente aquela que Guiné-Bissau deve seguir de colônia portuguesa à nação independente. Segundo o feiticeiro de Biombo, da aldeia natal da protagonista, ela tem o corpo habitado por um espírito mau. Perseguida por essa razão, Ndani vai para a cidade onde se torna criada na casa de portugueses.

Ali, sua cultura nativa choca-se com a do colonizador e Ndani tem seu nome trocado para Maria Daniela, além de ser alfabetizada na língua portuguesa e catequizada na religião católica. Como fechamento desse processo de dominação cultural, ela é violentada pelo patrão. Ndani volta para o interior do país e ali vive dois casamentos: o primeiro como a sexta esposa do régulo de Quinhamel, representante tanto da tradição oral da cultura nativa como da resistência à colonização, para o qual ela deve levar *status*, já que é letrada, e, por fim, com o Professor, único amor de Ndani, com o qual fará seu último deslocamento e viverá sua última tragédia

Situado na Guiné-Bissau colonial, o enredo já expressa os resíduos consequentes desse período de dominação cultural e política, os quais marcam o caminho percorrido por Ndani e atam as pontas do passado e do presente da nova nação, como podemos observar na citação seguinte, na qual a patroa portuguesa da personagem discorre sobre o papel da religião católica no processo de colonização:

O padre disse que os europeus vieram à África para salvar os africanos. Estas a ouvir Daniela? O padre ainda disse que dantes esta salvação consistia em levar os negros para longe, lá para as Américas, onde não teriam nem as máscaras nem as estatuetas que veneravam, nem as árvores sagradas... Mas depois viu-se que este não era o melhor método e então tivemos nós os europeus que vir para a África ensinar a religião cristã e salvar as vossas

almas.... Manteve-se de pé junto a Ndani, aliás, Daniela, e mandou levantar-se. Com toda calma, colocou-lhe o fio a volta do pescoço. Ajeitou o crucifixo por forma a ficar bem vista, no centro do peito da rapariga, entre os dois seios.... Ndani levou a mão até o peito e pegou o crucifixo. Era pesado para o tamanho que tinha. Lembrou-se de um colar algo parecido com um chifre de cabra-mato no lugar do crucifixo, que seu pai lhe colocara ao pescoço poucos dias depois de os Djambakus ter dito que ela era portadora de um mau espírito no corpo. O pai tinha obtido o colar do mesmo djambaku. No entanto, poucos dias depois perdera o colar junto com o chifre... E aquele objeto que acabara de receber de Dona Linda, tinha também algum poder? Qual? (SILA, 2006 p.40-41)

Nesse trecho, é evidente o tanto de dominação e resistência que o choque cultural apresenta na narrativa. Por um lado, Ndani perde seu nome africano e precisa carregar uma cruz católica no pescoço, por outro, sua lógica nativa interpreta esse objeto europeu de acordo com os parâmetros de sua primeira formação religiosa tribal. Simultaneamente, o narrador abre espaço para termos da língua crioula que convivem ali, embora, e não por acaso, em menor número, com os da língua portuguesa. Qual será a consequência desse encontro para Ndani? Em que medida o processo de dominação cultural implicará no apagamento de sua identidade nativa? Essas perguntas ligam a personagem aos resíduos que o período de colonização portuguesa deixou em Guiné-Bissau.

Esse encontro tenso entre culturas profundamente diferentes aparece nos trechos a seguir que expõem os valores contrastantes em conflito e o início da diáspora da personagem, dentro de sua própria nação, que, dominada pelo europeu, torna-se também estrangeira:

– Senhora, quer criado?

Esta era uma das frases da língua dos brancos que aprendera quando decidira ir para Bissau arranjar trabalho, trabalho de criado, numa casa qualquer de brancos. A idéia nascera num dia que para ela se tornará inesquecível depois de um longo **djumbai**<sup>11</sup> com uma das madastras (SILÁ, 2006, p. 22).

... O fato de ela a ter molhado deve ter sido uma atitude talvez normal entre os brancos, uma reacção que ocorre provavelmente sempre que se vê pela primeira vez uma rapariga desconhecida colada ao portão quando se regam plantas. Lembrou-se de a madrastra ter dito uma vez que os brancos tinham uma afeição especial por essas coisinhas coloridas e frágeis que chamam de flor, que vendem muito caro, algumas delas parecidas com **badjiki**<sup>12</sup>, mas que não serviam pra nada não davam sequer pra comer (SILÁ, 2006, p. 24).

Nesse contexto, a materialidade híbrida da narrativa, que apresenta a língua nativa sem oferecer tradução, expõe ao leitor o impasse no qual as personagens se encontram: Ndani não pode traduzir e interpretar as atitudes, os princípios, de um povo, os brancos, que procura submetê-la, ao mesmo tempo em que os termos, os valores, da cultura local resistem na solidez dos vocábulos nativos, pontualmente presentes no texto, enigmáticos para quem não domina o idioma: “djumbai” e “badjik”, nos trechos citados.

---

<sup>11</sup> Djumbai: conversa

<sup>12</sup> Badjiki: planta comestível.

A intraduzibilidade dos termos crioulos refere-se a um elemento de resistência, um obstáculo posicionado no meio do texto, que mantém o lugar de uma cultura, a africana, guineense e oral, que insiste em não morrer, embora todos os esforços sejam feitos para que ela se apague. Nesse sentido, é possível perceber o quanto a narrativa transgride os valores culturais do colonizador, tornando-se uma tentativa de reafirmação identitária que apresenta uma visão crítica tanto do discurso dos brancos em terras africanas quanto do africano frente à dominação colonial.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

*A última tragédia* é um texto híbrido, em que a língua do colonizador, lado a lado com as línguas nativas e elementos da tradição oral das diferentes etnias guineenses, inclusive mitos e lendas, compõe uma narrativa transgressora.

Nessa primeira etapa do trabalho, notamos que essa transgressão está presente nas mudanças semânticas sofridas no léxico do português, a partir da presença dos termos crioulos, e que exigem conhecimento da cultura guineense para sua compreensão, o que se apresenta como evidente caso de ab-rogação do português padrão europeu. Ao misturar modelos de valores e linguagens que criam uma nova paisagem textual, o texto de Silá renova o lugar do colonizado frente ao dominador e abre lacunas que expõem os usos culturais da língua e o posicionamento do texto literário como lugar no qual se torna possível essa renovação.

Inicialmente, pode-se notar que esses aspectos mostram lugares nos quais a narrativa resiste à perda ou diluição da identidade cultural da comunidade guineense. Sendo assim, podemos admitir como hipótese geral que a transgressão da língua na obra assume um papel relevante no processo de afirmação da identidade nacional guineense, ainda que problematizada, construindo, no lugar da ficção, uma nova realidade linguístico-cultural, tornando-se lugar de reflexão sobre os anseios libertários da população.

#### **REFERÊNCIAS**

BONNICI, T. *Conceitos-chave da teoria pós-colonial*. Maringá: Eduem, 2005.

GRIMES, B. F. *Ethnologue: languages of the World*. Summer Institute of Linguistics, Dallas, TX, ed.11, 1988.

<http://www.stat-guinebissau.com/>>. Acesso em: 22 mar. de 2011.

INTUMBO, I. *Estudo comparativo da morfossintaxe do crioulo guineense, do balanta e do português*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2007. 124 p. Dissertação (mestrado) – Linguística Descritiva: Línguas em Contacto, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2007.

\_\_\_\_\_. *Guine Bissau: Um retalho de línguas e culturas*. Trabalho apresentado no VIII Congresso luso-afro-brasileiro, Coimbra, 2004.

SILÁ, A. *A última tragédia*. Rio de Janeiro: Ed. Pallas, 2006.

\_\_\_\_\_. O livro como arma. *O Marrare*: Revista da Pós-Graduação em Literatura Portuguesa, Rio de Janeiro: Instituto de Letras/UERJ, ano 10, n. 13, 2º semestre 2010, p. 161-168. Entrevista concedida a Érica Cristina Bispo.

SILVA, M. A. Tradição da transgressão: língua portuguesa e identidade cultural em Luandino Vieira. *Cadernos de Letras da UFF*: Dossiê: Literatura, língua e identidade, no 34, Rio de Janeiro, n. 34, p. 225-236, 2008.

VASCONCELLOS, J. L. *Antroponímia portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1928.